



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**

HUMBERTO PAULO DA CUNHA DA SILVA

**TRÊS VIDAS QUE SE DESVELAM NO SERTÃO**

UMA ANÁLISE DE FABIANO, FRANCISCA E RIOBALDO COM O MEIO NO QUAL  
SE INSEREM

Brasília – DF

2020

Humberto Paulo da Cunha da Silva

**TRÊS VIDAS QUE SE DESVELAM NO SERTÃO:**

Uma análise de Fabiano, Francisca e Riobaldo com o meio no qual se inserem

Monografia apresentada ao Curso de Letras  
Português da Universidade de Brasília – UnB  
como requisito para obtenção do título de  
licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Trindade  
Nakagome.

**BRASÍLIA – DF**

**2020**

“Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.

Aqui a estória se acabou,

Aqui, a estória acabada.

Aqui a estória acaba.”

João Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais: Júlio e Rose, que me deram tranquilidade para que eu pudesse concluir o curso em três anos depois de longo período de inatividade. Além de todos os ensinamentos e educação que me fizeram, em muito, quem eu sou.

À Patrícia, por ser o ideal de professora que esperamos ao entrar na universidade e por toda a sua atenção, paciência (principalmente) e lições que tem compartilhado desde meu primeiro semestre em Letras na UnB. Também quero agradecer pelas conversas que em diversos momentos foram mais do que mera orientação e ajudaram a organizar ideias em tempos de desordem ao longo do curso.

Ao Brendon, pessoa maravilhosa que eu conheci no primeiro dia de aula e, desde então, tem sido meu companheiro inseparável, amigo que com certeza levarei para a vida.

Às minhas parceiras: Andressa e Mari. Compartilhamos angústias na construção dos nossos PIBIC e em várias outras fases nos últimos dois anos, mas depois de alguns pequenos surtos, tudo deu certo.

Ao Walisson, companhia solitária de muitas matérias e excepcional amigo. Tudo teria sido mais difícil se não fosse você, cara.

À galera do Calet: Emanuel, Gabi, Amandão, Bahia etc. etc., pelos vários bares e momentos de descontração, às vezes, em horas que não cabia descontração.

E, por último, à minha namorada Mayara, que eu conheci no último ano da graduação e foi quem primeiro leu este texto. Por todo companheirismo, assistência e amor que tem me dado, meu muito obrigado.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 RIOBALDO COMO FABIANO .....	13
3 RIOBALDO COMO FRANCISCA .....	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	38

**RESUMO:** Este trabalho pretende observar e analisar os personagens Fabiano, de *Vidas secas*, Francisca, de *Dora sem véu*, e Riobaldo, de *Grande sertão: veredas*, sob a perspectiva de como esses se relacionam com o meio no qual estão inseridos nos romances: o sertão. Os personagens, bem diversos entre si, relacionam-se de forma diferente com esse território. Por conta de diferenças na integração desses com o cenário urbano e pelas discrepâncias no nível da educação formal existentes entre Fabiano, Francisca e Riobaldo, as formas como eles leem e interpretam o mundo que os cercam também se distanciam bastante de um para o outro. Isso expande a percepção criada a respeito do sertão literário, levando em consideração a ótica dos personagens, que ganham protagonismo sobre a terra. Nesse sentido, a relação desses tipos com o sertão é o cerne desta análise, a se destacar a influência que a instrução exerce nessas relações.

**Palavras-chave:** sertão; literatura; educação formal; Fabiano; Francisca; Riobaldo.

## 1 INTRODUÇÃO

O sertão vem sendo representado na literatura brasileira há bastante tempo. A peculiaridade da vegetação e do clima desse lugar molda estilo de vida que está presente nos tipos que habitam romances de alto valor para a literatura nacional. Autores canônicos como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, assim como o contemporâneo Ronaldo Correia de Brito, fizeram do sertão o cenário dos três romances que embasarão esta monografia.

Na primeira metade do século XX, estabeleceu-se a “nova narrativa” que de acordo com Eduardo F. Coutinho enfraquece a “velha dicotomia entre rural e urbano, ou ainda regional e universal” (2013, p. 65), apesar de esclarecer que “em momento algum significa a decadência do romance regionalista ou sua substituição pela narrativa urbana ou universal” (2013, p. 66). Ainda de acordo com essa linha de ficção, o homem passa a ser “elemento nodal, e a paisagem, em vez de se colocar em posição superior a ele, passa a ser abordada por intermédio da figura humana, ou, em outras palavras, torna-se humanizada” (2013, p. 54).

Posto isso, a construção deste trabalho será pautada na análise dos romances *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa publicado primeiramente no ano de 1956, *Vidas secas* do Graciliano Ramos publicado em 1938 e *Dora sem véu* do Ronaldo Correia de Brito publicado em 2018. O enfoque será nos personagens principais, com a pretensão de perceber qual é a ligação que esses estabelecem com o meio (sertão), além de investigar como o grau de instrução dos personagens interfere na relação desses com o ambiente, apontando as semelhanças e divergências presentes no entrelaçamento dos três romances regionais.

Paulo Freire avança que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (1993, p. 20). Por esse ponto de vista, um mundo de possibilidades reduzidas, como o presente em *Vidas secas*, dificulta a expansão de diversas “práticas de leitura”, enquanto o mundo “universalizado” de *Dora sem véu* as expande. O analfabetismo de Fabiano (protagonista do romance de Graciliano Ramos), decorrente de várias privações sociais e culturais, o relega à posição – ora aceita ora não, pelo herói –, de bicho; já o alto nível de instrução de Francisca (protagonista de Ronaldo Correia de Brito),

confere a ela vários privilégios tanto culturais quanto sociais. Riobaldo (herói rosiano) está colocado entre esses outros dois, possui grau de instrução satisfatório para os tipos normalmente retratados que tiveram suas vidas no sertão, mas se enxerga menos instruído que os homens da cidade.

Para Riobaldo, a linha entre o regional e o universal é tênue, para ele “o sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2015, p. 71). Muitas questões de pertinência “universal” como amor, amizade, guerra, educação, traição etc. são frequentemente postas pelo narrador-personagem. Por esse motivo, ele será o ponto central deste estudo. O intuito é comparar tanto Fabiano como Francisca a Riobaldo e apontar, no *Grande sertão: veredas*, representações semelhantes às que estão presentes nos outros dois romances, com vistas a explorar leituras de mundo postas nas três obras, além de observar o nexos dessas com a leitura das palavras, fortemente presente em todos os textos, embora harmônicas em determinadas situações e conflituosas em outras.

Os movimentos em relação ao sertão de Fabiano, Riobaldo e Francisca explicitam de forma bem clara o vínculo desses personagens com o meio. Fabiano está em constante fuga, sonha com o dia em que não precisará mais fugir, com o dia no qual ele e a família vão se fixar. A palavra que encerra o romance de Rosa traduz o deslocamento de Riobaldo pelo sertão: travessia; ele transita pelo sertão por opção; desejo e amizade o guiam, ele tem para onde voltar, por isso cogita algumas vezes interromper o processo, entretanto, há um sentimento maior que recorrentemente o demove da ideia. Por outro lado, o sentido de Francisca é o de retorno, motivada por missão herdada do pai, ela volta ao sertão, numa narrativa que faz indicações de que existe alguma força que a puxa de volta para o sertão. Essa força que engole as pessoas para dentro do sertão, manifesta-se nos três romances, Riobaldo diz para seu interlocutor que é preciso sair do sertão, mas a única forma de sair do sertão é “tomando conta dele a dentro...” (ROSA, 2015, p. 232).

Em *Vidas secas*, o vaqueiro Fabiano inicia em retirada com a mulher, dois filhos, uma cachorra e um papagaio. No capítulo inicial, “Mudança”, ele caminha pelo sertão, transita sempre nesse território com a intenção de fugir da seca. O instinto de sobrevivência faz com que ele se movimente à margem. Em momentos de calma, o herói reflete sobre coisas que estão além da própria manutenção da vida, mas esses momentos sempre são efêmeros. Fabiano, por vezes, agarra-se a esperanças



incertas, sonha com a possibilidade do fim da seca, com a chuva. Entretanto, a chuva não vem e ele se vê obrigado a retirar mais uma vez e, assim como no primeiro capítulo, na última parte, “Fuga”, a tentativa de fugir do sertão, fugir da seca, fugir da fome, repete-se. Com fé, o vaqueiro acreditava que a família acharia um lugar melhor e eles “cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas” (RAMOS, 1986, p. 126), num espaço onde a luta pela sobrevivência não fosse a única preocupação, a formação dos filhos seria pauta importante.

Em *Grande sertão: veredas*, o fazendeiro Riobaldo, instigado por uma questão sobrenatural íntima (um suposto pacto firmado com o diabo), narra as andanças do jagunço Riobaldo – seu eu do passado – pelo sertão a um forasteiro de alto grau de instrução que está de passagem pela fazenda do sertanejo, esperando obter alguma resposta definitiva desse interlocutor sobre o seu problema. A companhia do sujeito, que em nenhum momento entra diretamente na narrativa, mas direciona o relato de forma extratextual, tranquiliza o narrador que se sente aliviado pelas intervenções do ouvinte letrado: “as ideias do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe” (ROSA, 2015, p. 44).

A relação de Riobaldo com o sertão é de afeição, o território exerce fascinação sobre ele. A palavra sertão se repete diversas vezes ao longo do romance, há respeito e saudosismo na narrativa do ex-jagunço sobre a sua empreitada pelas veredas desse lugar: “sertão: estes seus vazios” (ROSA, 2015, p. 37), mas sem nunca deixar de salientar a dureza do ambiente e das pessoas que o compõem: “sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier que venha armado! E bala é um pedacinhozinho de metal...” (2015, p. 28). Para o herói, nem mesmo Deus estaria isento dos perigos do sertão.

Em *Dora sem véu*, também há fascínio da protagonista pelo sertão, mas o fascínio é diferente, trata-se de fascínio acadêmico. Quando Francisca viaja pelos sertões a estudo, no mestrado e doutorado – fatos apenas lembrados no romance – fortalecendo a sua formação na área de sociologia, ela não se liga intimamente com o território, a ligação dela é meramente formal. O caderno e as entrevistas a distanciam daquela gente, ela é de fora, como o forasteiro que ouve tão atentamente a narração de Riobaldo e faz anotações em sua caderneta. A relação da socióloga com o sertão muda na narrativa em tempo presente, na qual ela retorna ao sertão

para cumprir promessa feita a seu pai, no leito de morte desse, de que reencontraria a avó e os tios que foram abandonados por ele na adolescência.

O remorso de Jonas, pai da personagem, transporta Francisca de volta ao sertão, mas agora ela não observa tudo de fora, alheia ao sofrimento dos sertanejos, esse regresso a torna parte integrante daquela terra e fugir do conforto de pesquisadora causa nela sofrimento ao fim da jornada. Enquanto a personagem escutava as histórias do pai que, mesmo depois de urbanizado, “gostava de sentenças trágicas, nunca perdera a fala do sertão” (BRITO, 2018, p. 8), aquele espaço não parecia tão miserável, entretanto, quando ela segue a romaria em Juazeiro no rastro da avó, na intenção de cumprir o juramento feito ao pai, a sua percepção se modifica.

Esse panorama inicial situa bem as personagens no âmbito do sertão. Os movimentos de fuga, travessia e retorno se justificam na intenção de cada personagem. Fabiano deseja se estabelecer, civilizar-se e não vê naquele cenário de escassez ambiente propício para isso. Riobaldo corta o sertão por motivos mais particulares, ele mesmo externaliza que se tornou “jagunço só mesmo por conta de amizade” (ROSA, 2015, p. 193). A ternura que Riobaldo nutre por Reinaldo (Diadorim) é o que o move pelas veredas do sertão. O narrador reflete a respeito do que o levou a conhecer Diadorim quando jovem em uma travessia pelo rio São Francisco, questiona-se: “por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram” (2015, p. 100), retomando a importância daquela personagem para a seu percurso. Nesse sentido, o que leva Francisca de volta ao sertão também é bem particular, a socióloga pretende sanar o débito do pai com a família, recuperar a avó e os tios há muito perdidos, na esperança de reaver memórias e concluir a missão recebida do progenitor.

Por essa perspectiva, os protagonistas dos três romances possuem relações muito específicas com o sertão. Ademais, cada um deles, por seu grau de instrução, interpretam os fatos de forma diferente. O analfabetismo de Fabiano reflete em todos os níveis dos seus elos sociais, ele é tão embrutecido que o seu déficit extrapola em muito a barreira do texto escrito, a capacidade oral dele é insuficiente, lhe faltam recursos, as palavras compridas e difíceis do povo da cidade admiram-no e o assustam, ele tentava, por vezes, reproduzir algumas, mas as enxergava como inúteis e perigosas (RAMOS, 1986, p. 20), isso porque sempre que alguém da cidade as

pronunciava, ele acabava sendo lesado. É dificultoso situar o vaqueiro em quaisquer práticas de letramento – que buscam estabelecer relações de interações mediadas por um texto escrito em dimensão social e cultural (MARINHO, 2010, p. 78) –, embora elas muito possivelmente existissem nas interações do protagonista com seu Tomás da Bolandeira, sertanejo culto que Fabiano admira e aparece apenas recordado no romance.

Em contrapartida, há práticas de letramento que devem ser expostas para situar os personagens no âmbito social. Riobaldo, ao ser designado para dar aula a Zé Bebelo (fazendeiro de muitas ambições e pelo qual o ex-jagunço nutre muita estima) é posto em situações na qual o texto escrito medeia a relação do professor Riobaldo com seu aluno. Zé Bebelo tinha ânsia muito grande por aprender, “ele queria era botar na cabeça, de uma vez, o que o que os livros dão e não. Ele era a inteligência” (ROSA, 2015, p. 114). Em tempos, Zé Bebelo parecia ter raiva de Riobaldo ser portador do conhecimento e ele não. Mas com o passar das lições, o fazendeiro passou a ter mais informações que seu mestre, pegava livros e enchia Riobaldo de perguntas e quando o professor errava as respostas ele caía na gargalhada (2015, p. 115). O texto escrito fez-se importante na constituição de situação social, Zé Bebelo leu, absorveu, refletiu e divertiu-se arguindo seu professor, a bagagem cultural adquirida permeou uma interação.

Ainda na perspectiva das práticas de letramento, as presentes em *Dora sem véu* são mais sofisticadas. Há passagens em que Francisca está em reuniões de grupo de amigos do seu marido, todos intelectuais, que discursam sobre os temas mais diversos, com profundo embasamento teórico. No romance, conceitos mais complexos aparecem no meio das discussões: feminismo, veganismo e existe diálogos que entram na ideia de Destino Manifesto com direito a citação de Walt Whitman. Todavia, a personagem se questiona sobre a validade dessas relações formadas: “pergunto-me o que faço no meio dessas pessoas, em reuniões intermináveis, sem qualquer sentido além de expor conhecimentos e falar por nada” (BRITO, 2018, p. 59). O acúmulo de informações obtidas nos textos escritos e essa troca possibilitando práticas de letramento, nessa situação, não é bem vista pela personagem, que enxerga naquilo apenas vaidade vazia entre os seus pares.

Em outra ocasião, ao falar de aborto com uma romeira de menos instrução, Francisca recebe invertida a respeito de seu posicionamento: “agora há pouco,

quando falou, achei que já tinha escutado nos programas de rádio e televisão. A mesma conversa. Sua fala não vem do coração, é coisa que aprendeu e repete sem saber o que diz” (BRITO, 2018, p. 24). As interações sociais moduladas pelo texto escrito em *Dora sem véu* são menos divertidas e autênticas do que as que aparecem em *Grande sertão: veredas*, embora haja mais sofisticação no discurso. Francisca se questiona sobre a importância do conhecimento adquirido ao estar entre os romeiros, menos instruídos do que ela, em conversa com seu marido a socióloga diz: “imaginava ter me elevado acima das motivações dessas pessoas. Agora me sinto pior, concluí que não sou igual nem diferente delas e que minhas teses serviram apenas para aumentar meu salário de professora” (BRITO, 2018, p. 25-26).

Isso posto, o vínculo dos personagens com o sertão, todas contendo suas peculiaridades, atrelado ao grau de instrução desses, refletindo na forma como eles leem, interpretam e se colocam no mundo serão os pontos centrais deste trabalho. O rico relato do fazendeiro Riobaldo servirá de parâmetro para análise das interações sociais vivenciadas pelo matuto vaqueiro Fabiano em *Vidas secas* – permeadas de diversos cerceamentos culturais –, e pela douta socióloga Francisca – eivadas de oportunidades, visitas a museus, viagens pelo mundo, produções acadêmicas e educação formal.

## 2 RIOBALDO COMO FABIANO

As divergências entre *Vidas secas* e *Grande sertão: veredas* se iniciam no foco narrativo. O romance de Graciliano Ramos é narrado em terceira pessoa, a história dá indícios da incapacidade do protagonista quanto narrador, no único momento em que Fabiano tenta contar história, a narrativa sai confusa e atrapalhada. Em *Vidas secas*, o autor “trabalhou como uma espécie de procurador do personagem, que está legalmente presente, mas ao mesmo tempo ausente” (CANDIDO, 2012, p. 148), além do mais fica claro que “o narrador não quer identificar-se ao personagem (...), mas quer fazer as vezes de personagem, de modo que, sem perder a própria identidade, sugere a dele” (2012, p. 148). Desse modo, ele implica veracidade à narrativa, mas sem deixar de demonstrar o que se passa no íntimo das personagens.

De acordo com isso, Rui Mourão sugere que o romance de Graciliano Ramos “antes de qualquer outra coisa, é o drama de uma impossibilidade de comunicação humana” (2003, p. 124) e completa ao dizer que “insistentemente o texto mostra que se os personagens permanecem de boca fechada é por falência do veículo de comunicação e não por não terem o que dizer” (2003, p. 125). Nesse sentido, é a ausência de recurso que esvazia as personagens, que transforma, principalmente Fabiano, num ser tão embrutecido.

Por outro lado, a realidade no romance rosiano, partindo do foco narrativo, é bastante diferente. A história se desenvolve inteira numa narrativa única e corrida. O narrador-personagem conta suas aventuras como jagunço a um interlocutor sobre o qual se tem poucas informações, mas que ouve tudo com bastante atenção e a atenção se transfere a quem lê, é como se Riobaldo tivesse narrando diretamente sua saga ao leitor, representado na figura do forasteiro culto que ao passar três dias nas terras do fazendeiro escutando seus causos.

O nível de sofisticação da narrativa de Riobaldo – que quase nada sabe, mas desconfia de muita coisa (ROSA, 2015, p. 25) – é admirável, ele vai e volta no tempo cronológico do relato sem se importar muito com esse, tendo em vista que ele conta na medida com que o ocorrido supostamente aflora em sua mente, mas com muito apreço pela exatidão dos fatos narrados. Riobaldo não gosta de esquecer nada, para ele esquecer é “quase igual a perder dinheiro” (2015, p. 333), por esse motivo, a forma

de contar do ex-jagunço se desenvolve de forma circular, mas que avança bem até o desfecho. Sobre isso, Riobaldo se justifica ao interlocutor ao dizer que conta daquele jeito porque é o jeito dele contar e compara as guerras e batalhas vividas com um jogo de baralho que verte e reverte (2015, p. 91), demonstrando, na ficção, de maneira autêntica, algo bastante perceptível na realidade: a não-linearidade da memória, como demonstra ao dizer que “tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data” (2015, p. 91)

A conexão dos dois sertanejos, Fabiano e Riobaldo, com a educação é bem individual. Riobaldo adquiriu algum grau de instrução e isso se manifesta no decorrer do *Grande sertão: veredas*. Ele recebe educação formal e é até dito que o personagem tem certa facilidade na aquisição do conhecimento. O herói rosiano aprende bem, apesar de ter restrições em sua formação, por não frequentar nenhuma instituição de ensino, mas teve instrução e desejaria poder ter tido mais, por esse motivo, nutre certa inveja de seu interlocutor por toda a leitura e doutoração desse (ROSA, 2015, p. 24), entretanto, ainda se envaidece um pouco com seus conhecimentos:

Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra de três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas desde do começo, me achavam sofismado de ladino. E que eu merecia de ir para cursar latim, em Aula Régia – que também diziam. Tempo saudosos! Inda hoje, apreço um bom livro, despaçado” (ROSA, 2015, p. 25).

A familiaridade com que Riobaldo se vincula aos livros demonstra que não se trata de sertanejo embrutecido. Ele lê, interpreta e retira bons ensinamentos das palavras escritas, demonstrando ser um sujeito letrado.

Indo de encontro a isso, Fabiano é analfabeto e iletrado. A rusticidade de sua comunicação, provocada por anos de privações culturais e sociais, que inclusive antecedem o seu nascimento, é evidenciada na narrativa. Não é como se o vaqueiro não cogitasse a possibilidade de algum tipo de educação formal, isso apenas é veementemente negado a ele. Fabiano se preocupa com o sustento, está sempre no limite da sobrevivência, enfrentando a seca e a fome. Vê-se como sobrevivente e esse fato é motivo de orgulho para ele. Gostaria de saber coisas, ler papéis, rodar o mundo e conhecer gente importante (RAMOS, 1986, p. 23), mas, antes disso, era necessário que a seca cessasse. Fabiano nunca conheceu outra realidade, foi vaqueiro porque o pai dele tinha sido vaqueiro e o avô também, nenhum outro destino se apresentou a

ele e se acostumou com a sorte ruim. Diferentemente de Riobaldo que optou pela jagunçagem após obter estudo enquanto morava, depois da morte de sua mãe, com seu padrinho Selorico Mendes, fazendeiro rico que o proporcionou oportunidade e conforto para que ele buscasse formação.

A diferença dos personagens sob o ponto de vista da educação formal é notória na análise dos dois romances. Riobaldo, ao narrar os eventos pelos quais passou, demonstra – em diversas ocasiões desrespeitando a forma padrão da língua portuguesa, embora sempre com vínculo forte com a palavra e seus significados – uma leitura de mundo desenvolvida. O mundo do fazendeiro é expandido por suas andanças, travessias e mais bem transmitido a outros pela instrução que recebeu.

Todavia, essa instrução não é, via de regra, o que pauta os saberes do sertão, Riobaldo apenas tem mais recursos para reproduzir por meio de palavras o que está em sua cabeça, porém ao falar sobre outro jagunço, João Goanhá, ele diz que este “também tinha suas cartas altas. Homem de grito grosso. E, mesmo ignorante analfabeto, de repente ele tirava, sei não de onde, terríveis mindinhas ideias” (ROSA, 2015, p. 66). Por esse trecho, traçando paralelo com *Vidas secas*, pode-se entender que, por mais que o *déficit* de Fabiano por vezes pareça algo meramente formal, considerando a sua incapacidade comunicativa e seu analfabetismo, na realidade, supera isso.

Para compreender a dificuldade do vaqueiro em transmitir ideias que estão em sua mente, e que só são inteligíveis por conta do estilo implicado pelo narrador para a organização delas, é preciso pensar na relação de Fabiano com o seu meio. Esse personagem envolve-se muito pouco com seus semelhantes, a convivência dele com outros personagens praticamente se restringe aos seus filhos e à sua mulher, quase tão embrutecidos quanto ele, embora a mulher possua mais conhecimentos escolares, sabendo fazer contas matemáticas simples com auxílio de material concreto.

Nessa perspectiva, cabe o questionamento de por que o sertanejo tem as suas relações interpessoais tão desgastadas e de que forma isso reduz suas fronteiras. Fabiano quase não fala porque julga entender-se melhor com os bichos do que com os seres humanos. Os bichos entendem a sua linguagem primitiva e pouco elaborada, enquanto os homens, via de regra, tendem a explorá-lo. Sempre que o vaqueiro fala com as pessoas que estão mais inseridas no meio urbano, ele acaba por ser lesado.

Isso faz com que, dentro das possibilidades do personagem, ele tenha um movimento de expansão interno. Os pensamentos dele existem cheios de sentimentos humanos, que extrapolam a mera subsistência, ele questiona a exploração e possui ideias revolucionárias na direção de destruir com os que o esmagam, mas há contra ele imposições técnicas que o impedem de transmitir a outros o que está colocado em seu íntimo.

Fabiano se recolhe do contato humano como forma de se proteger, a exceção de seu Tomás da bolandeira, todos os que estão mais bem alocados na esfera sociocultural do que sua família se aproveitam dele. Ele não gosta de ser tapeado, mas encontra dificuldade em não ser, tendo em vista que não consegue sequer estabelecer simples diálogo. Por isso, a forma que ele encontra de não ser engabelado é fugindo ao máximo do convívio humano. O dono na fazenda, na qual Fabiano reside com a família, tira vantagens dele, o dono na boutique, onde ele faz as compras para casa, engana-o, o soldado amarelo, representação de uma forma de poder policial, sente-se no direito de oprimi-lo.

Isso faz com que ele se sinta sempre acuado, de forma que faz até questão de comprar pano insuficiente para a confecção da roupa em que ele e a família usarão numa festa na cidade, com medo de que a costureira sinhá Terta, personagem que a narrativa demonstra ser de confiança, roube-lhe os retalhos (RAMOS, 1986, p. 71). Enquanto na festa, Fabiano sente que todos os moradores da cidade o olham de forma atravessada, esses olhares, que podem existir apenas no imaginário do personagem, também o humilham, fazem com que ele se sinta deslocado. A total desconfiança, motivada por situações vivenciadas pelo personagem, o afastam do convívio social e conseqüentemente impossibilitam a expansão do mundo desse.

Desse modo, contrariando a citação de John Donne (2012), que aponta que nenhum homem é uma ilha, Fabiano, do ponto de vista social, opõe-se a essa proposição. Em seu território de quatro pessoas vivas (ele, a mulher e os dois filhos), qualquer estrangeiro é visto com suspeita, como parte hostil de um mundo que não é o dele, como um colonizador violento que apenas deseja atacá-lo e tomar o pouco que ainda lhe resta. A luta que o vaqueiro trava contra a terra é dura, e essa ainda recebe o reforço dos homens urbanos. Os aliados de Fabiano são escassos e seus inimigos são muitos, todos esses lutando contra a sua sobrevivência, contra qualquer possibilidade de ascensão social e contra o seu desejo de se fixar num lugar que lhe



dê condições de educar seus filhos. O embrutecimento do personagem ocorre por ação de forças externas, mas os seus sentimentos, embora truncados, são de muita estima.

Donne (2012) ainda diz que a morte de qualquer homem diminui aos outros, por esses serem parte do gênero humano. Entretanto, a morte de Fabiano tampouco seria sentida ou sequer notada por qualquer homem porque ele, enquanto homem, por conta dessas mesmas forças externas, é o que menos se aproxima do gênero humano. O vaqueiro se reconhece nos animais e, para ser humano, ele teria de travar uma guerra contra todos os que o excluem dessa classificação de homem e, inclusive, contra percepção fixada no âmago do personagem, que já aceitou a condição de bicho e até vê nisso condição necessária para a manutenção das vidas as quais ele se comprometeu a proteger.

Em contraponto, Riobaldo é um pequeno continente pela ótica de suas relações sociais. Como jagunço, o personagem está em constante contato com centenas de outros homens, com as mais diversas personalidades. O sentimento que ele nutre pelos outros tipos que compõem o romance são extremamente variados, vão de ódio ao amor, e do completo fascínio à total indiferença. As ligações que ele constrói, formam-no como sujeito de emoções bastante elaboradas. O regional e o universal coexistem e se fortalecem no *Grande sertão: veredas*, a leitura de mundo de Riobaldo é inacabável e tem base nas suas relações com o ambiente e com os outros indivíduos.

Em dois momentos, Riobaldo deseja os estudos de seu interlocutor para compreender questões profundas que compõem sua subjetividade: “eu queria decifrar as coisas que são importantes (...), queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (...), o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda” (ROSA, 2015, p. 92). A interpretação, embasada em formação, de seu ouvinte o auxilia na compreensão de questões relevantes.

Na outra situação, o herói vagueia em seus pensamentos dizendo ao forasteiro que “o sentir da gente volteia, mas em certos modos, rodando em si mas por regras. O prazer muito vira medo, o medo vai vira ódio, o ódio vira esses desesperos? – desespero é bom que vire a maior tristeza, constante então para o um amor” e conclui

seu devaneio pontuando: “o que eu prezava de ter era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas matérias” (2015, p. 196). Nisso, Riobaldo almeja, na teoria, resposta para suas demandas filosóficas como: medo, coragem, ódio, desespero, tristeza e amor. Há, nas indagações do jagunço, elaboração que confere mais substância a elas do que às ideias do vaqueiro.

Fabiano carrega a responsabilidade de manter vivos ele, a mulher e os filhos, faz isso por necessidade e obrigação, em nenhum momento, no transcorrer do romance, demonstra fazer isso por amor. As demonstrações de afeto, embora existentes, são raras. O vaqueiro é bruto, tem “o coração perto da goela” (RAMOS, 1986, p. 64), o amor, uma das forças que impulsionam Riobaldo, não é relevante em *Vidas secas*, a necessidade está sempre sobreposta a qualquer sentimento terno e a movimentação de Fabiano é constantemente forçada, ele não se direciona para onde deseja, direciona-se sempre para onde é possível.

Diferentemente, Riobaldo é movido, via de regra, por sentimentos ternos. Amizade e lealdade guiam o seu caminhar. Em alguns momentos, ele é confrontado com esses sentimentos, há um código de ética que o rege sobre o qual personagem tem muito respeito. Nas batalhas que travou, houve momentos em que ele confrontou pessoas de sua mais alta estima (Zé Bebelo) e outros nos quais ele precisou guerrear ao lado de pessoas sobre quem nutria repugnância (Hermógenes). Toda a construção da narrativa faz com que, por vezes, os atos de Riobaldo sejam questionados tanto positiva quanto negativamente. Ele, enquanto jagunço, é regido pelas leis da jagunçagem, segue-as e as respeita, além do mais, quase sempre atua de acordo com uma justiça própria que se aplica aos cenários de guerra. Entretanto, às vezes vacila no cumprimento dessa e acaba por ir de encontro ao seu código de ética.

Riobaldo e Fabiano se aproximam pelo espaço físico do sertão que os recebe e se distanciam por suas relações com esse e com as outras pessoas que o habitam. Dificultoso é saber se estão mais próximos ou mais afastados, o sertão vive dentro deles e enquanto Riobaldo tem articulação para interpretar o sertão-mundo, Fabiano pisa no chão seco na esperança de que se umedeça, sem a capacidade de compreender naquilo mais do que uma sorte ruim. Contudo, o vaqueiro ainda carrega sentimento de afeição por aquela terra, ao partir em sua segunda retirada ele conteve as lágrimas e “uma grande saudade espremeu-lhe o coração” (RAMOS, 1986, p. 120).

O sentimento de Fabiano é controverso, o sertão é seu lar e seu tormento, por vezes ele aceita a má sorte, em outras, ele a questiona e projeta combatê-la.

Em convergência a isso, aplica-se a ideia de que sertão “não é mais uma realidade geográfica que se pode caracterizar pelos seus aspectos, quer físicos, quer sociais ou econômicos, mas antes um microcosmo do mundo, uma região misteriosa, ilimitada, em que o homem vive em constante busca de sentido” (COUTINHO, 2013, p. 109). Essa representação do sertão está presente em ambos os romances, a terra é sem fim e, ao passo em que Riobaldo, por forças externas que o levam a isso, pretende desvendá-la, Fabiano é engolido por ela. O cenário faz-se labirinto para o vaqueiro, dentro no qual, no centro, a seca sempre estará à espreita para atacar a ele e aos seus.

Em diálogo com isso, no outro romance a ser analisado, a narradora-personagem reflete que, por mais que a cultura sertaneja “apontasse para a desintegração do mundo e de seus valores, parecia guardar os últimos resquícios de uma sociedade mística” (BRITO, 2018, p. 17). Percebe-se essas características tanto em *Vidas secas* quanto no *Grande sertão: veredas*, algo além do terreno agrega essas narrativas, a religiosidade é constante nas histórias do sertão. O fantástico, muitas vezes, tem protagonismo sobre a realidade. Fabiano se apega numa fé de que em algum momento o sertão transformar-se-á num terreno de abundância e reza para um deus sobre o qual não sabe muito a respeito, embora faça questão de afirmar sua religiosidade. Já Riobaldo se angustia com a possibilidade de ter fechado pacto com o demônio e busca alguém de altos conhecimentos para o convencer do contrário. As matérias terrenas não são suficientes para justificar o sertão.

No romance de Rosa, as figuras que mais se assemelham a Fabiano são as dos catrumanos, personagens que “viviam só por paciência de remedar coisas que nem conheciam” (2015, p. 318). Nessas figuras, das mais embrutecidas em todo o universo de *Grande sertão: veredas*, é possível pensar em como Fabiano seria inserido no contexto da narrativa de Riobaldo. Além de explicitar o posicionamento do segundo sobre o primeiro, evidenciando uma barreira imposta entre eles, motivada pela diferença no nível de instrução e das posses que cada um possui.

Riobaldo alerta o seu ouvinte que é preciso conservar medo de homens que não possuem dinheiro nem poder e finaliza expondo que não convém “a gente entrar

no meio de pessoas muito diferentes da gente” (ROSA, 2015, p. 319). Para o ex-jagunço, a condição dos catrumanos o assusta, e são criaturas que se assemelham bastante ao vaqueiro de Graciliano Ramos, por sua linguagem, condição social e a forma como se colocam no mundo. Os catrumanos, assim como Fabiano, travam uma luta particular contra quase tudo que não compõe os pequenos núcleos deles.

O fazendeiro ainda afirma que o “justo é cada um fugir do que bem não se pertence. Parar o bom longe do ruim, o são longe do doente, o vivo longe do morto, o frio longe do quente, o rico longe do pobre” (ROSA, 2015, p. 319). Por mais que, na jagunçagem, Riobaldo trafegue entre os mais variados tipos de sertanejos, ao entrar em contato com os catrumanos ele não se sente confortável. Aquele tipo de sertanejo sem posses, sem conhecimento, de linguagem embrutecida, é visto por ele com repulsa. É o que há de homem, na perspectiva de Riobaldo, mais distante dele. O herói se via “mal-invocado por aqueles catrumanos do sertão. Do fundo do sertão” (2015, p. 320). Assim como Fabiano, os catrumanos habitam as profundezas do labirinto mítico do sertão.

Tomado pelo sentimento que aquela qualidade de sertanejo implicava nele, Riobaldo constrói uma indagação que encerra *Vidas secas*:

“por que era que há de haver no mundo tantas qualidades de pessoas – uns já finos de sentir e proceder, acomodados na vida, tão perto de outros, que nem sabem de seu querer, nem da razão bruta do que por necessidade fazem e desfazem. Por que? Por sustos, para vigiãção sem descanso, por castigos? E de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mís e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades” (ROSA, 2015, p. 320).

A interrogação do ex-jagunço também ocorre ao vaqueiro, mas os dois personagens estão em polos opostos. Riobaldo, nesse momento, deseja o afastamento daquela classe tão primitiva de homens, e Fabiano necessita integrar-se sem que isso confira prejuízos a ele. E, nessa ótica, o sertanejo de Graciliano Ramos, ao final do romance, tem pensamento que se associa ao do protagonista de *Grande sertão: veredas*: “o sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos. (RAMOS, 1986, p. 126).

A realidade conflituosa em que os dois heróis se situam apresenta um horizonte a ser observado. O caminho de Fabiano para o meio urbano, seria alvo de questionamento, inclusive, para Riobaldo. O mundo de Riobaldo, expandido por meio

de leituras e experiências, é hostil ao limitado Fabiano. Contudo, este só movimenta para a cidade porque o sertão o manda para lá. Por essa perspectiva, os seres fortes e brutos do sertão, apesar de buscarem nos grandes centros vida melhor, são mais necessários às cidades do que as cidades são a eles.

Num dos momentos em que Fabiano se indigna com sua condição e matuta sobre possibilidades que o livrem daquela sina de bicho, no desejo de empoderar-se e se tornar homem, o vaqueiro levanta a perspectiva de entrar para o cangaço e fazer misérias (RAMOS, 1986, p. 111). Fabiano ainda devaneia sobre o seu fim caso fosse por esse caminho: “levaria um tiro de espingarda ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença” e acredita que esse destino “era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor” (1986, p. 111).

Para o vaqueiro, estar no meio da guerra, cortando o sertão, assim como fez Riobaldo no *Grande sertão: veredas*, seria uma forma de se estabelecer como homem, obter respeito das pessoas. Todavia, posto que em diversos momentos Riobaldo reforça a consideração pelos jagunços, vê neles qualidades muitas e valores respeitáveis, o fazendeiro assevera que “o que guerreia é o bicho, não é homem”, portanto, na perspectiva do herói rosiano, Fabiano, na guerra, manteria o *status* animalesco, embora, na concepção do vaqueiro, pudesse ser mais respeitável como jagunço.

Isso posto, há um ponto de convergência entre o fazendeiro Riobaldo e vaqueiro Fabiano com relação à idealização de homem. Ambos conservam admiração – e até uma suave inveja – por sujeitos instruídos. Como há um abismo entre a instrução que cada protagonista acumulou ao longo da vida, a forma como cada um deles lida com essa idealização também é bastante diferente. Fabiano deseja apenas adentrar no “latifúndio do saber” (MARINHO, 2010, p. 69), já o que Riobaldo ambiciona é ocupar mais a fundo esse latifúndio.

Em *Vidas secas*, a figura do homem instruído se faz representada em seu Tomás da Bolandeira, que, pobre como Fabiano, era alfabetizado e lia muitos livros e jornais. O vaqueiro tem os melhores sentimentos por esse personagem. Por vezes, tenta replicar palavras que ouviu o outro falar, mas elas saíam truncadas e ele refletia que não havia nascido para falar certo. A sabedoria de seu Tomás inspirava respeito

naturalmente, tanto que Fabiano relata que esse não sabia mandar, apenas pedia e, ainda assim, todos o obedeciam prontamente.

No *Grande sertão: veredas*, essa figura está investida, principalmente, no homem que ouve a história do narrador, anota-a e faz algumas intervenções esporádicas. Entretanto, há outras passagens que explicitam a fascinação que Riobaldo tem por sujeitos de alta instrução. Uma das mais notáveis aparece quando o narrador conta uma história de dois jagunços aqui transcrita para ilustrar com maior precisão:

Se diz que, no bando de Antônio Dó, tinha um grado jagunço, bem remediado de posses – Davidão era o nome dele. Vai, um dia, coisas dessas que às vezes acontecem, esse Davidão pegou a ter medo de morrer. Safado, pensou, propôs este trato a um outro, pobre dos mais pobres, chamado Faustino: o Davidão dava a ele dez contos de réis, mas, em lei de caborje – invisível no sobrenatural – chegasse primeiro o destino do Davidão morrer em combate, então era Faustino quem morria, em vez dele. E o Faustino aceitou, recebeu, fechou. Parece que, com efeito, no poder de feitiço do contrato ele muito não acreditava. Então, pelo seguinte, deram um grande fogo, contra os soldados do Major Alcides do Amaral, sitiado forte em São Francisco. Combate quando findou, todos os dois estavam vivos, o Davidão e o Faustino. A de ver? Para nenhum deles não tinha chegado a hora-e-dia. Ah, e assim foram, durante os meses, escapos, alteração nenhuma não havendo; nem feridos eles não saíam... (ROSA, 2015, p. 79-80)

Então Riobaldo, ao narrar essa história ao seu interlocutor, revela que já a contou a outra pessoa, um sujeito da cidade grande de muita inteligência e esse o disse que a história era de muito valor, dava para compor um livro, mas que era necessário um final mais bem trabalhado. Dito isso, o sujeito propõe esse final:

Um dia, o Faustino pegava também a ter medo, queria revogar o ajuste! Devolvia o dinheiro. Mas Davidão não aceitava, não queria, por forma nenhuma. Do discutir, ferveram nisso, ferravam numa luta corporal. A fino, o Faustino se provia na faca, investia, os dois rolavam no chão, embolados. Mas, no confuso, por sua própria mão dele, a faca cravava no coração do Faustino, que falecia (2015, p. 80)

Riobaldo diverte-se com esse final inventado, aprecia muito e demonstra sua admiração pela criatividade do homem: “quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os êrros e volteios da vida em sua lardeza de sarrafaçar” (2015, p. 80).

Todos os movimentos que distanciam Fabiano e Riobaldo aqui expostos, acabam por se direcionar a algo que os aproximam. A admiração pelo sujeito letrado, que, por sua instrução, é capaz de interpretar o mundo sob uma ótica diferente, com horizontes expandidos. O sertão-mundo de Riobaldo e Fabiano, embora não

idênticos, tenciona seu alargamento na direção da figura de “estrangeiro” que, portador do conhecimento, oferecerá aos personagens novas verdades, verdades maiores.

Sobre essa afinidade que Fabiano e Riobaldo possuem, frente a todas as suas divergências, emerge Francisca, a socióloga que tinha o sertão e os sertanejos como objeto de estudo, até se ver obrigada a conviver nesse cenário efetivamente. Tomar o sertão adentro e relacionar-se mais intimamente com os habitantes desse lugar, não como matéria a ser estudada, mas sim como seus iguais. Em consonância a isso, sigo na análise de Riobaldo, agora o comparando a um personagem sobreposto ao fazendeiro na escala sociocultural.

### 3 RIOBALDO COMO FRANCISCA

Ao contrário do que acontece em *Vidas secas*, o foco narrativo de *Dora sem véu* é, assim como no *Grande sertão: veredas*, em primeira pessoa. Ainda que em algum momento o narrador mude, a história é predominantemente narrada pela protagonista Francisca, que se direciona ao sertão na esperança de recuperar a memória do pai. A personagem segue sempre com o seu olhar aguçado de pesquisadora, mas, não mais exercendo esse papel, sente o peso da responsabilidade de carregar o fardo da promessa feita a seu progenitor.

A narrativa é melancólica, não existe grandes feitos como os do romance de Rosa, tampouco grandes esperanças como as do romance de Graciliano Ramos. O mundo enxuto do sertão aqui parece menor, por todas as viagens feitas pela protagonista e por todo o conhecimento que essa acumulou. As palavras que brotam do meio, são como as que nascem nos outros dois romances. Francisca percebe que as palavras semeadas no sertão são poucas, como se elas tivessem sido plantadas em meio a pedras.

A Francisca do passado, pesquisadora, é um paralelo perfeito do personagem colocado na quarta parede do *Grande sertão: veredas*. A audição alerta, a atenção que não vacila e o caderno na mão são características comuns aos dois personagens. Estes não fazem parte do sertão, são de fora, observam tudo de cima com a sua fina instrução e fazem intervenções quando assim julgarem necessário. A socióloga enuncia que no papel de pesquisadora ela habituou-se a observar a realidade de fora e isso a impede de sentir de outra maneira a nova experiência entre os romeiros (BRITO, 2018, p. 103).

Conforme Riobaldo repete incansáveis vezes no corpo de sua narrativa: “viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 2015, p. 21), essa máxima diz respeito à vida no sertão. Francisca não pode conceber isso até estar entre os romeiros. Como pesquisadora, ela sempre esteve protegida contra uma força que só se aplica em desfavor dos sertanejos. Ao narrar sua batalha final a seu interlocutor, Riobaldo encontra dificuldade:

Como vou contar e o senhor sentir em meu estado? O senhor sobrenasceu lá? O senhor mordeu aquilo? O senhor conheceu Diadorim, meu senhor?!...



Ah, o senhor pensa que morte é choro e sofisma – terra funda e ossos quietos... o senhor havia de conceber alguém aurorear de todo amor e morrer como só para um. O senhor havia de ver homens à mão-tente se matando a crer, com babas raivas! Ou a arte de um: tá-tá, tiro – e o outro vir na fumaça, de à-faca, de repelo: quando o que já defunto era o que mais matava... (ROSA, 2015, p. 480).

Desse modo, ao chegar no desfecho da narrativa, a guerra que encerra a sua jornada como jagunço, o fazendeiro encontra dificuldades para transmiti-la ao seu ouvinte, quaisquer palavras aparentam ser insuficiente para quem não viveu aquela guerra e poderiam ser condensadas na derradeira locução do senhor Kurtz em *Coração das trevas*: “que horror! Que horror!” (CONRAD, 2017, p. 113). E, consoante a isso, após algumas centenas de páginas de sua história, profere a quem o escuta:

O senhor nonada conhece de mim, sabe o muito ou o pouco? O Urucúia é ázigo... Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... o senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei” (2015, p. 482).

Assim sendo, Riobaldo, com todo o apreço que carrega pelo homem que ouve a sua narrativa, pela instrução e pela atenção desse, considera que, mesmo após ele descrever toda sua jornada, o sujeito ainda não o conhece, pois não compartilhou daqueles momentos. Por mais que o forasteiro se atente a todos os detalhes, esse não faz parte do sertão e ouvir sobre o sertão não é conhecê-lo. Riobaldo fala para o seu interlocutor, o que Francisca aprende na prática ao se meter entre os romeiros de Juazeiro.

O Riobaldo fazendeiro, que se fixou, civilizou-se, contrasta com o Riobaldo jagunço, que percorreu as veredas do sertão e conheceu a beira e o meio dele, assim como a Francisca pesquisadora socióloga contrasta com a Francisca romeira. Os personagens confrontam em suas narrativas momentos de calma e momentos de caos, provocados pela proximidade do sertão. Ao procurar sua avó Dora, Francisca enfrenta um dilema, ela vê necessidade de tomar partido, de definir seu posicionamento entre aquelas duas realidades. Suas raízes sertanejas há muito perdidas afloraram quando ela larga o posto de pesquisadora para cumprir a missão delegada pelo pai.

Ao refletir sobre a sua situação, Francisca pondera em sua cabeça: “transitei por vários grupos na cômoda situação de nunca tomar partido. Achava que alcançaria a perfeita neutralidade: a todos conhecer e a nenhum pertencer. Uma postura acadêmica argumentava a meu favor” (BRITO, 2018, p. 59). O posto de cidadã

globalizada, retira da socióloga responsabilidade sobre os que a cercam. Francisca é mulher moderna, de instrução elevada que conhece o mundo, mas sempre termina por retornar ao sertão, nesse movimento de absorção existente em *Vidas secas* e também no *Grande sertão: veredas*.

Nem mesmo o marido exerce em Francisca alguma atração. O casal, segundo a socióloga, nunca se amou, apenas assumiram “um contrato de convivência e tolerância” e completa dizendo: “jurei não me apaixonar por ninguém e me casei com Afonso” (BRITO, 2018, p. 39). Observar essa racionalidade da personagem é importante para analisá-la em oposição a Riobaldo. É essa sobriedade que o fazendeiro procura para ter a certeza de que não firmara pacto nenhum, ele aceita o que escuta de seu interlocutor porque lhe é confortável, mas tem em seu íntimo que só ele conhece o lado místico do sertão. A lucidez perde força no sertão literário, universo compartilhado por Riobaldo, Francisca e Fabiano.

Francisca, investida de pesquisadora, se distancia das questões religiosas tão presentes no sertão, mas indo a Juazeiro como romeira, ela vai de encontro a isso:

Boa parte dos cordéis trata de um milagre ocorrido em Juazeiro, e de um padre elevado à categoria de santo pelos devotos romeiros. Mantive-me distante do fenômeno religioso, focando os estudos na produção e no capital gerado pelos folhetos (...). Circulava no meio de pessoas de todos os lugares, decididas a se estabelecerem na cidade, se dizendo atraídas pelo sagrado. A cartilha de esquerda definia que se tratava de fanáticos manipulados pela Igreja e pelo Estado e me convenci da veracidade dessa interpretação. O verniz ateu do pai e o curso de sociologia reforçaram minha crença nessa mentira (BRITO, 2018, p. 14).

A socióloga percebe, na peregrinação, que os eventos que levavam as pessoas àquele lugar eram dos mais variados. A racionalidade da pesquisadora estremece naquele cenário tão adverso.

A personagem, ao se tornar parte integrante do fenômeno que leva às pessoas para dentro de Juazeiro, aquele pedacinho de sertão, objeta a respeito de uma verdade que estava absoluta para ela. A palavra “mentira”, colocada com tanta contundência, demonstra a revisão dela a respeito dessa verdade que lhe era confortável. Assistir aos romeiros como fanáticos religiosos de acordo com a criação que recebera e com a cartilha da esquerda que a protagonista seguia por sua formação acadêmica e ideológica, era simples. Contudo, ao conhecer e se reconhecer nas pessoas que faziam o mesmo percurso, Francisca reformula sua verdade e passa a melhor integrar o cenário místico do sertão.

Em outros termos, esse sertão representado na literatura parece conter um saber popular que não comporta o saber acadêmico. A realidade nesse território quase mitológico não é racional, os saberes são acumulados por uma vivência que possui ares de irrealidade. São tantos os personagens que habitam terreno que tem todas as características que afastam a sobrevivência humana, o clima é hostil, a vegetação é hostil e, ainda assim, toma aquele lugar como lar, sempre à espera da próxima seca. É no sertão onde a ligação com o sagrado se externaliza com maior sinceridade. Deus é mais presente nos sertões do que em qualquer outro cenário da literatura mundial.

Ao visitar Garcilaso, um amigo professor que ajudou em seus estudos sobre literatura de cordel, Francisca ouve a seguinte colocação: “o Cariri cearense é o centro do mundo, Juazeiro a matriz da realidade e da cultura popular. Aqui existia um oceano cretáceo e se guardaram saberes antigos” (BRITO, 2018, p. 160). A visão do professor não aceita colonialismos e ele afirma que o mundo nascera ali naquele lugar no qual eles estavam. A dicotomia entre o universal e o regional mais do que perdem força na fala do professor, eles se invertem, o regional passa a fazer as vezes de universal.

Garcilaso ainda levanta questionamentos a respeito dos conhecimentos que recebem de vegetação na formação. Ele, no tempo de estudante, se aborrecia por ter de ler sobre: “carvalhos, choupos, salgueiros, sequoias, pinheiros, zimbros, faias, aveleiras, tílias, plátanos, freixos, nogueiras e amieiros” (BRITO, 2018, p. 160) e se sentia inseguro quando precisava descrever essas árvores que tanto impressionavam aos professores acostumados com a leitura de “Tolstói, Balzac e Maupassant” (2018, p. 161). Incomodava-o a falta dos “oitizeiros, baraúnas, angicos, muricis, aroeiras, quixabeiras, carnaúbas, juazeiros e gameleiras” (2018, p. 161) e isso o levou a indagar seu professor de literatura da infância se os estudantes franceses eram obrigados a memorizar o nome da mirrada vegetação da caatinga, ao que o mestre lhe respondeu prontamente que a literatura brasileira é regionalista e que seus escritores não preenchem os cânones universais, por isso eram tão pouco lidos dentro e fora do país (2018, p. 161).

Essa afirmação, rememorada após tantos anos, amola o professor que não vê motivação nela. O próprio *Grande sertão: veredas*, como obra, a confronta. O romance de João Guimarães Rosa é um épico que extrapola em muito as barreiras do regional. A oralidade presente na escrita do autor representa o que há de mais valioso na

literatura, é um épico que eleva o sertão tomando-o por universo, o mundo todo está contido na narrativa de Riobaldo, pois o sertão comporta o mundo todo. Assim como Garcilaso garante que o mundo teve seu início no Cariri cearense e que, portanto, aquele lugar era o centro do globo, Riobaldo expressa, logo no início de sua confabulação, que “o sertão está em toda parte” (ROSA, 2015, p. 19).

Riobaldo, como morador do sertão, tem vivências dessa terra que são totalmente inacessíveis à Francisca. Esta, apesar de seus esforços genuínos, não consegue ser de fato parte integrante, em um momento difícil de sua jornada, a professora universitária avalia que, na Sorbonne, seu orientador não apontava saídas para noites difíceis como aquelas. Todas as suas leituras e visitas ao sertão como pesquisadora não a prepararam para viver o sertão.

A socióloga encontra dificuldades em estabelecer o seu lugar na esfera social. Ela transita entre dois mundos: o mundo de Dora, dela por herança, e o mundo dos seus pares, acadêmicos e estudiosos, mas se recusa a se comparar com esses e julga desprezá-los. Todavia, é deles que Francisca se aproxima, não é possível que ela se integre ao sertão, o sentimento controverso que ela conserva pelos sertanejos é de repulsa e de admiração. Eles despertam admiração nela enquanto objetos de estudo, mas conviver, como igual, com aquela gente causa nela repulsa.

Nesse sentido, ela cumpre a outorga do pai, mas sente que deveria tê-la recusado, trabalharia a questão numa sessão de psicanálise e assim estaria livre, sem precisar ingressar na viagem absurda (BRITO, 2018, p. 137). Em um sonho, Jonas diz que não deveria ter mandado Francisca à procura dos parentes há muito abandonados, pois ela não teria o que fazer caso os encontrasse, e arremata revelando: “estamos separados dessa gente há séculos. Não adianta procurá-los, nunca chegará a eles. O abismo só aumenta com o passar dos anos” (2018, p. 236-237).

Isso posto, há uma interrupção de Riobaldo em sua narrativa que serve para ilustrar bem como existe limite claro entre os saberes sertanejos e os do sujeito culto da cidade grande: “o senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho (...). Falar com estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo” (ROSA, 2015, p. 44). Dessa forma, narrar é mais uma forma de organizar as ideias, e o fazendeiro vê valor nas suas

histórias e, por isso, deseja transmiti-las. Francisca, na posição de ouvinte em *Dora sem véu*, também entra em contato com diversas narrativas e cria afeição com alguns narradores, mas há uma linha que os divide e que não pode ser atravessada. O valor que Francisca emprega nas histórias dos sertanejos não é da história pela história, mas sim pela utilidade acadêmica que essas têm.

A única coisa em que a socióloga acredita é nas estatísticas, por mais que tente se desvencilhar, é notável a incapacidade de abandonar os vícios acadêmicos. Por outro lado, em que Riobaldo acredita? O universo para ele é inesgotável, o ex-jagunço tem várias dúvidas e sabe que não pode se desconfiar de nada, pois o sertão é terra muito estranha, é onde o inexplicável acontece. Por isso, conta ao seu interlocutor o que ele conhece e o homem ignora, mas o principal que quer contar é o que não tem a certeza se sabe e espera que o forasteiro saiba e possa ajudá-lo a compreender.

Como sujeitos alfabetizados e letrados, cabe também apurar a relação dos dois personagens com os livros, como isso influencia em suas leituras de mundo. No âmbito do sertão, Francisca observa que toda casa por mais humilde que fosse, possuía uma pequena biblioteca de cordéis. “Mesmo quem não sabia ler os comprava pelo gosto de tê-los guardados, ou na esperança de encontrar alguém que lesse” (BRITO, 2018, p. 200). Ela também afirma que “livros eram objetos raros no sertão fora do tempo e do espaço, davam respeito e distinção, criavam uma aura de sabedoria e nobreza em torno dos afortunados donos” (2018, p. 200).

O hábito de guardar escritos mesmo na incapacidade de decifrar os sinais impressos neles causa estranheza à socióloga e ela se pergunta o que aquilo representava para os sertanejos. Após ponderar, Francisca considera o seguinte: “a adoração de gente iletrada me parece de grande valor, há algo de sagrado no culto, o mesmo que se fazia aos Mistérios, àquilo que escapa ao conhecimento e à razão e se reveste de outros significados” (BRITO, 2018, p. 201).

Para a personagem, tão ambientada com a literatura, é curioso aquele hábito que parece ser comum em todas as casas sertanejas. A socióloga, que se relaciona intimamente com os livros, tendo um marido escritor, e buscando neles base para a construção e elaboração do seu conhecimento acadêmico, tenta decifrar o porquê de se guardar impressos sem a tecnologia necessária para os ler. Ela vislumbra, sob

outra perspectiva – externa –, uma ideia que perpassa Fabiano e Riobaldo, a de fascinação pelo culto, a percepção da sacralidade que esse transmite no sertão.

Ademais, Francisca fala sobre bibliotecas orais, homens e mulheres que memorizavam narrativas da tradição oral e as transmitia. Ao falar disso, de alguma maneira, a personagem parece descrever Riobaldo: “esses guardiões da memória se pareciam com personagens de outros lugares e culturas, que no passado foram responsáveis pela criação e divulgação de contos, poemas e epopeias, depois fixados pela escrita” (BRITO, 2018, 200-201). Por mais que o ex-jagunço não tenha o ofício de contador de histórias e não faça disso espetáculo, ele narra com maestria as histórias, não da tradição oral – não obstante, ainda reproduza algumas em meio a interrupções de sua narrativa, como a de Maria Mutema –, mas, sim, as que viveu. Riobaldo é notável personagem, responsável por engrossar as maravilhas do sertão.

Em conformidade com a visão de Francisca sobre as casas sertanejas, é possível perceber o início de uma relação particular de Riobaldo com a leitura. Em determinado momento da caminhada, o grupo de jagunços estaciona numa fazenda para folgar um pouco, nisso o sertanejo expõe:

Mas o dono do sítio, que não sabia ler nem escrever, assim mesmo possuía um livro, capeado em couro que se chamava o “*Senclér das Ilhas*”, e que pedi para deletrear nos meus descansos. Foi o primeiro desses que encontrei, de romance, porque antes só tinha conhecido livros de estudo. Nele achei outras verdades, muito extraordinárias (ROSA, 2015, p. 312).

Após ler o seu primeiro romance, Riobaldo se encanta. Ele pega o livro para passar o tempo enquanto aguarda a retomada da caminhada e se cativa com a possibilidade de conhecer novas verdades.

É interessante analisar as formas como os personagens se vinculam à leitura, pois são bastante diferentes. Tendo em vista narrativas ficcionais, Riobaldo assimila o que foi lido e aquilo expande seus horizontes, faz com que ele conheça novas verdades extraordinárias. Por outro lado, Francisca nunca suspende o seu olhar investigador, os vícios acadêmicos impossibilitam a mesma leitura despreocupada de Riobaldo. Num diálogo com Bernardo, primo de seu marido, Francisca faz o seguinte apontamento sobre as crônicas desse: “eu costumo ler, reconheço o seu estilo. Encanta a maneira como você aproxima questões do mundo sertanejo e familiar de temas universais da atualidade. Mesmo assim tenho dúvidas se deveria manter o último parágrafo” (BRITO, 2015, p. 72). O olhar crítico de quem tem um nível de

letramento avantajado não a abandona, e a socióloga faz colocação técnicas a respeito do texto. A ela não cabe dizer se gostou ou não gostou do que leu, necessita elaborar e fazer sugestões sobre os escritos.

Francisca parece ser muito requintada para viver o sertão como os habitantes dali. Por maiores que sejam os seus esforços em viver a experiência real em sua completude, ela está muito afastada daquela gente. A professora busca recuperar uma memória, cumprir a promessa feita ao pai e inaugurar uma mitologia própria, mas não avança em seus objetivos e acaba só acumulando desgraças em seu irregular caminho.

Personagens urbanizados não têm muito sucesso no sertão. Para sobreviver naquele território faz-se necessário ser duro, virar tatu (RAMOS, 1986, p. 24). Riobaldo sabe bem disso, tendo ele mesmo tomado o sertão por dentro, sem ter medo, mas com profundo respeito, porque ele sabe que é quando menos se espera que o sertão vem (ROSA, 2015, p. 313). Dos sertões presentes nos três romances aqui analisados, só o jagunço conheceu todos, mas não se fundiu à terra como Fabiano – dominou-a – nem se apartou dela como Francisca – abraçou-a.

O drama da pesquisadora vivenciando a romaria se sintetiza no final do romance, num sonho, já citado à cima, ela encontra seu pai e revela a ele: “Não foi bom ter viajado para cá. Minha base fraturou. Era mais fácil pensar nisso tudo de longe. Como socióloga em sala de aula ou num campo de pesquisa. Você me obrigou a chafurdar no drama dessas pessoas. Não vou perdoá-lo nunca” (BRITO, 2018, p. 237). A personagem cria descontentamento com a situação e, no seu íntimo, indigna-se com o pai, por tê-la feito se deslocar em busca de um objetivo impossível, além de se ver obrigada a testemunhar situações para as quais ela não estava preparada.

Para Riobaldo, “toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão (...) porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro muito desastroso” (ROSA, 2015, p. 432). Em concordância com isso, o jagunço retirou o bom e o mau do sertão, de dentro dele. Francisca também obteve bons frutos, foram as criaturas do sertão que lhe proporcionaram o material necessário para avançar seus estudos. Sobre esse cenário mitológico ela se debruçou e compôs suas contribuições acadêmicas, entretanto, ao precisar abandonar a

roupagem de pesquisadora e tentar viver verdadeiramente aquele macrocosmo, a personagem esmoreceu.

Na representação do sertão dentro da literatura se realiza o que definiu Euclides da Cunha n' *Os sertões*: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte" (2016, p. 115). A força é condição necessária para a sobrevivência na terra seca desse ambiente, os que não a possuem, padecem. "Sertão é", como decreta Riobaldo, "o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada" (ROSA, 2015, p. 100). Por esse motivo, as pessoas urbanas (como Francisca), só se estabelecem harmonicamente nesse território quando são meras espectadoras, viver a realidade sertaneja de dentro desestabiliza esses tipos.



## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar três personagens tão diferentes ambientados num cenário tão peculiar quanto o sertão é enriquecedor. O elo que esses instituem com a terra é bastante diverso, mas, ainda assim, apesar do abismo que os separa é possível perceber características que os aproximam. Fabiano e Riobaldo são partes integrantes do sertão e Francisca é de fora, mas deseja integrar-se e, ao tentar realizar esse desejo, percebe-se numa situação de afastamento social quase tão grande quanto a de Fabiano.

O único capaz de manter relações sociais mais profundas era mesmo Riobaldo, contudo, também se sentia deslocado entre os jagunços, a instrução que possuía os afastava daqueles com quem convivia no exercer de sua função. Em situação na qual o jagunço se via na eminência de precisar assumir o bando, vem à cabeça dele a seguinte ideia: “os homens não iam me obedecer; nem de me entender eles não eram capazes. Capaz de me entender e de me obedecer, nos casos, só mesmo Zé Bebelo” (ROSA, 2015, p. 294). Portanto, apenas o chefe – a quem Riobaldo já havia lecionado e nem jagunço de fato era, estava ali apenas no intento de cumprir vingança – seria capaz de compreender as ordens do herói. Por conseguinte, o jagunço também devaneia que era diferente de todos eles, não era jagunço completo e estava ali executando um erro (ROSA, 2015, p. 295).

Entretanto, apesar das divergências técnicas, Riobaldo é o que conserva os vínculos humanos mais genuínos. O sertão que o endurece e caleja é o mesmo que desperta nele os sentimentos mais fraternos. As amizades e inimizades que cria na jagunçagem desabrocham da parte mais profunda do seu coração. Os três amores que alimenta, por Diadorim, Nhorinhá e Otacília, são legítimos. Há ainda outros sentimentos muito próprios e autênticos que cria por outros personagens. Alguns positivos, como por Zé Bebelo e seu compadre Quelemém; alguns negativos, como pelo Hermógenes; e alguns neutros, como por seu padrinho Selorico Mendes e o fazendeiro seu Ornelas.

Diria o jagunço: “homem foi feito para o sozinho? Foi. Mas eu não sabia” (ROSA, 2015, p. 159). Ele não sabia, Fabiano não sabia, mas Francisca sabia e, por isso, acabava se juntando aos outros, via de regra, apenas pelas convenções sociais.

Esse sertão presente na literatura aparenta ser onde os personagens precisam estar mais próximos dos outros, “estranho a rapidez com que todos se tornaram íntimos” (BRITO, 2018, p. 13), mas a noção de comunidade é enfraquecida. Todos se compadecem com as dores uns dos outros, mas na necessidade de se fazer uma escolha, a opção dos habitantes desse mundo é sempre pela defesa obstinada do pequeno núcleo do qual esses fazem parte.

Frente ao exposto, é fundamental, nesta conclusão, formular uma pergunta e buscar argumentos para respondê-la: no âmbito desse universo literário exibido, o que distancia mais as relações interpessoais, a incapacidade técnica de manter essas relações ou um pensamento eivado de ponderações lógicas que botam essas relações como desimportantes?

Todas as outras colocações aqui manifestas me levam a essa questão e ela me parece forma relevante de concluir meus apontamentos. O alto nível de instrução, um processo de “globalização física”, de conhecimento de diversas realidades, parece criar uma fissura social maior em Francisca do que em Fabiano. Riobaldo difere-se desses dois outros personagens, ele dialoga bem com os tipos como Fabiano e com os tipos como Francisca. Por mais que demonstre uma desagregação do primeiro, ele se mostra capaz de conviver bem e demonstrar respeito pelos tipos que se aproximam à representação de Fabiano no *Grande sertão: veredas*. Por mais que demonstre fascinação pelo segundo, ele revela certas desconfianças e ressalvas com personagem paralelo retratado no romance.

A diferença capital entre Francisca e Fabiano reside no desejo. Fabiano deseja integrar-se à sociedade. É bom reforçar que as suas barreiras não estão geneticamente instituídas, apesar de “o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a percorrer veredas, afastando o mato com a mão” (RAMOS, 1986, p. 17). Toda a dificuldade do herói e da família se dá porque há uma força que se põe contra eles sempre os empurrando para baixo, para a margem e, sobre essa força, “quando acreditamos que vai desaparecer, os de cima manobram as engrenagens e eles afundam novamente” (BRITO, 2018, p. 237). Todas as imposições postas a Fabiano são somente sociais e ele se revolta em tempos, mas, na maioria das vezes, aceita a sorte ruim tal como os romeiros de *Dora sem véu*: “Deus quis assim (...)” (2018, p. 237).

Já Francisca tenta se apartar da sociedade, numa vontade que beira à hipocrisia. Ela cumpre todos os ritos sociais e, como professora universitária que estudou em Sorbonne, de vários láureos e títulos, está no mais alto patamar da esfera social e comporta-se como seus pares, mas os detesta. Sob sua ótica, tudo que os médicos, acadêmicos, escritores etc. do meio no qual ela convive fazem é por vaidade, mas ela é incapaz de se distanciar, pois aquele é o meio dela. Sobretudo, isso fica ainda mais claro quando ela tenta circular entre os romeiros. Aquela realidade, tão adversa à dela, a assusta. O sentimento de pertencimento, por mais que desgoste a personagem, só existe em meio aos doutos.

Para reforçar o que foi colocado, apenas Riobaldo é capaz de transitar. A travessia dele sobrepuja o cenário físico do sertão, ele transpõe barreiras humanas. Amizade, inimizade, amor, ódio e diversos outros sentimentos humanos são vivenciados plenamente pelo jagunço e rememorados pelo fazendeiro, muitos com a saudade que é uma espécie de velhice (ROSA, 2015, p. 45). Se na “nova narrativa”, descrita por Coutinho (2013), o homem passa a ser questão nodal em detrimento da terra, não existe quem cruze melhor os dois pontos do que o jagunço Riobaldo em *Grande sertão: veredas*.

Por fim, para compreender integralmente as barreiras impostas a Fabiano, cabe citar um trecho do romance de Brito para contrastá-lo com um da obra de Graciliano Ramos:

Mesmo que algumas fazendas praticassem o regime de partilha de um quarto – dar ao vaqueiro uma rês de cada quatro que nasciam –, o patriarcalismo e o coronelismo perpetuaram o modelo de escravidão por muito tempo. Nos currais do governo, os homens robustos e com saúde e as mulheres limpas e apresentáveis eram escolhidos para trabalhar de graça, a troco de um prato de comida. O preconceito não era apenas contra os negros, era contra os pobres. (BRITO, 2018, p. 202).

Em concordância a isso, Fabiano reflete sobre sua condição: “vermelho, queimado, tinhas os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra” (RAMOS, 1986, p. 18). São muitas as forças que se colocam contra o vaqueiro, por esse motivo, ele vive num limbo, o universo que ele habita é comprimido e só comporta, com muito desconforto, quatro pessoas: ele, a mulher e os dois filhos do casal.

O vaqueiro Fabiano funde-se a terra, invisibilizá-se. A sua leitura de mundo, retomando o proposto por Freire (1992), é pautada em um mundo restrito, de poucas oportunidades e de poucos saberes. Ele deseja algo maior, mas seus desejos são sempre freados pela fome e pela seca. A sobrevivência é o que direciona seus movimentos e há, no personagem, dificuldade técnica para explicar todos os sentimentos humanos que habitam o seu íntimo. Por todas essas adversidades, cabe ressaltar que Fabiano não é antes de tudo um forte, mas, sim, depois de tudo. Entretanto, o vaqueiro não se restringe a isso, sentimentos muito nobres estão em seus desejos.

A socióloga Francisca afasta-se da terra, tem repulsa dela. Ela lê o mundo sob uma perspectiva sempre muito analítica. Ela distancia-se de quase tudo e não se aproxima de nada. O sertão é terra herdada, herança que ela recebe como a um “elefante branco”, segue seu caminho por obrigação, mas sempre que para no intuito de estudar a situação, vê-se desolada e desamparada. Tomar o sertão por dentro é interpretado por ela como fardo pesado demais a se carregar. O distanciamento das pessoas desse lugar sempre emprestou conforto a ela e, ao sair dessa condição, ela se vê ameaçada.

O jagunço Riobaldo é o sertão, respeitável e traiçoeiro. Ele é o sertão-mundo, o sertão-homem. A forma como lê o mundo é baseado em suas vivências e seus estudos. Por coincidência e fraternidade, terminou entre os jagunços, a boa pontaria lhe concedeu altos préstimos entre esses, mas ali não sendo seu lugar, dominou-o e se tornou chefe, guiando seus homens até a vitória contra os hermógenes, na busca de vingança por Joca Ramiro. Todo o aprendizado acumulado por Riobaldo o leva num domínio quase total sobre as coisas do sertão, o único evento ainda em aberto versa sobre o lado mitológico desse: o pacto que tentara firmar com o diabo e não sabe se fora ou não consumado.

Riobaldo, Francisca e Fabiano, tipos tão diferentes que dão consistência à mística que se coloca sobre o sertão. Neste trabalho, analisados em seus contextos específicos, mas que integram um sistema literário bem mais extenso, explicitam, de forma bastante satisfatória, a assimilação do homem com esse terreno. Existem personagens específicos que se adequam às condições desse lugar, enquanto outros são repelidos para longe dele. No sertão, a relação entre homem e terra torna-se mais

íntima, não é possível somente chegar e se fixar nesse espaço, é preciso, antes de qualquer outra coisa, criar identificação com ele.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRITO, Ronaldo Correia de. *Dora sem véu*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
- CANDIDO, Antonio. *Cinquenta anos de **Vidas secas*** (p. 141-149). CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012
- CONRAD, Joseph. *O coração das trevas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- COUTINHO, Eduardo de Faria. *Grande sertão: veredas – travessias*. São Paulo: É Realizações, 2013.
- CUNHA, Euclides. *Os sertões*. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2016.
- DONNE, John. *Meditações*. São Paulo: Editora Landmark, 2012.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler* (p. 11-21). FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1993.
- MARINHO, Marildes. *Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito* (p. 68-100). **Cultura escrita e letramento** – Marildes Marinho, Gilcinei Teodoro Carvalho, organizadores. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- MOURÃO, Rui. *Vidas secas* (p. 117-135). MOURÃO, Rui. **Estruturas ensaio sobre o romance de Graciliano**. Curitiba: Editora UFPR, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Record, 1986.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.